

ESCRAVISMO NA AMÉRICA PORTUGUESA “REFÚGIOS E REVOLTAS”¹

Rozilene Ferreira Barbosa²

RESUMO

Rejeitando a cruel forma de vida, os escravos lutavam por uma vida digna e por liberdade. Para superar a condição que lhe é imposta o escravo procura se “libertar” através de (re)ações, revoltas, rebeliões, sedições e negociações. Em se tratando de escravismo do negro africano na América Portuguesa o que pretendemos abordar, é que a economia escravista foi um dos fatores mais importante do desenvolvimento da economia colonial brasileira, portanto fortemente ligada ao trabalho escravo, trabalho esse que estava destinado às lavouras de cana-de-açúcar, mineração e demais serviços tanto no campo quanto na cidade.

Uma das múltiplas formas de resistência e combate à escravidão pode ser encontrada nos quilombos, pois nesses locais os escravos se “sentiam livres” do sistema que lhes era imposto. Desse modo os habitantes dos quilombos procuravam (re)viver suas próprias culturas e compartilhando com a cultura dos demais refugiados e revoltosos não-escravos. O que queremos por em evidencia é que os escravos não eram simplesmente “vítimas”, mas sim que eram sujeitos ativos, que agiam e reagiam ao sistema que lhes era imposto, seja através de resistência e ou violência

Palavras-Chave: 1) Resistência 2) Escravos 3) Quilombos

ECONOMIA ESCRAVISTA

Na dialética de Hegel em uma observação à Sr. Proudhon, MARX (2001) pontua a escravidão como:

A escravidão é uma categoria econômica como qualquer outra tem também os seus dois lados. Deixemos o lado mau e falemos do lado bom da escravidão: fique claro que se trata apenas da escravidão direta, da escravidão dos negros no Surinam, no Brasil, nas regiões meridionais da América do norte. A escravidão é o eixo da indústria burguesa, do mesmo modo que as máquinas, o crédito etc.[...] foi a escravidão que deu às colônias o seu favor, foram as colônias que criaram o comércio mundial

¹ Artigo apresentado para publicação no evento XII Semana de História Saber Histórico na Sala de Aula: diálogos, convergências e divergências. Setembro, 2009. na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL).

² Acadêmica do terceiro ano do curso de graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul campus de Três Lagoas.

que é condição da grande industria. [...]Por isso a escravidão é uma categoria econômica da maior importância, sempre existiu nas instituições dos povos (, p.99 e 100)

O que queremos através dessa citação, é pontuar uma análise econômica através de Marx no que se refere à escravidão.

Segundo Klein (1987) a introdução da mão-de-obra escrava de negros vindos da África para a América Portuguesa surge a partir do século XVI, com a “substituição” do indígena pelo negro, Holanda (1968) afirma que o trabalho de somente um negro é superior ao de quatro indígena, nas lavouras de cana de açúcar, nos engenhos e nos demais trabalhos. O tráfico negreiro foi como um elo que ligou a economia da América Portuguesa a mão-de-obra escrava. Os senhores de escravo preferiam os negros nos engenhos, por terem dificuldades em lidar com os indígenas, dessa forma os escravos negros se tornaram fonte de lucro para esses senhores que regravam os seus serviços³.

Com o crescimento do sistema de plantações de cana de açúcar nas Índias houve declínio na economia da América Portuguesa, mas o escravo como “produto” não deixou de gerar lucro para os exportadores. Por decorrência da crise açucareira a coroa se dirigiu para a exploração mineral do solo da América Portuguesa surgindo desse modo no final do século XVII, na América Portuguesa, um tipo inteiramente novo de economia escravista, passando para a mineração com a utilização de mão-de-obra escrava⁴.

Klein (1987) afirma que província de Minas Gerais, reteve grande parte do trabalho escravo, por conta da grande necessidade de mão-de-obra escrava para as minas os escravos passaram a vir diretamente da África para os campos de mineração e isso fez com que surgissem dos centros de mineração nas zonas centrais de Minas Gerais um forte crescimento da população negra e mulata. Este autor afirma que a mineração escrava no interior do Brasil originou uma sofisticada civilização urbana, no qual alguns negros livres chegaram a possuir profissão de “luxo”, como é o caso de alguns negros livres que se tornaram ourives. Distanciar-se das senzalas para

Reis e Silva (1988) afirma que a relação escravista na cidade se caracterizou pelo sistema de ganho, ou seja aluguel de escravos até que o locatário não necessitasse e ou não

³ Sobre esse parágrafo ver em: Capistrano de Abreu, João: **Capítulos de historia colonial 1500-1800. os caminhos de povoamento do Brasil**. Brasília (D.F.). universidade de Brasília 1982. KLEIN, Hebert S. **A escravidão Africana América Latina e Cariben**

⁴ Ver em: KLEIN, Hebert S. **A escravidão Africana América Latina e Cariben** . São Paulo: Brasiliense: 1987 (tradução: MENDONÇA, Jose Eduardo de.)

tivesse mais condição de pagar pelo serviço do escravo. O sistema de ganho e aluguel era uma forma dos senhores enfrentarem a economia urbana para isso utilizavam a mão-de-obra do escravo que exerciam funções braçais e dentre outras exerciam a função de barbeiros, sapateiros e artesãos.

Segundo Wissenbach (1998) o que caracterizou a vida do escravo na cidade foi o sistema de ganho possibilitou uma organização da vida material e sócio-cultural dos escravos, por haver certa ausência do controle senhorial o que exigia dos escravos “energia renovadora” para que além dos serviços prestados aos seus senhores exercessem outras funções que os faziam ter autonomia para adquirirem subsistência.

Conforme Klein (1987) a América Portuguesa era a região que mais possuía concentração individual de escravos africanos e crioulos de qualquer parte da América, pois sua economia colonial garantia a continuidade do fluxo de escravos garantindo o crescimento econômico no processo escravista. Deste modo, a utilização da mão de obra escrava ao norte do país havia sido a opção corrente desde os primeiros lugares que os navios negreiros ancoravam na América Portuguesa até as lavouras de cana que necessitavam dessa mão-de-obra nas relações produtivas.

RELAÇÃO ENTRE SENHOR E ESCRAVO

As relações entre senhor e escravo geralmente era marcada por tensões e conflitos nos quais os escravos eram submetidos a diferentes formas de controle e dominação, fosse ela de um paternalismo benevolente ou de violência o que provoca debates e embates entre diversos autores

Segundo Capistrano de Abreu (1982) Os primeiros negros vieram da costa ocidental o português “apreciava” a força muscular do negro e por isso implantou a sua mão-de-obra nas lavouras de cana-de-açúcar e demais serviços, as mulheres eram utilizadas como mucamas e amas de leite. Convém ressaltar que o tráfico negreiro foi um dos maiores motivos para esse interesse na então “força muscular” e dentre outras funções do negro pode-se destacar o trabalho na roça, que servia em alguns casos como meio de sobrevivência e renda do escravo o que Reis e Silva (1989) aponta como a *brecha camponesa*.

Para Capistrano de Abreu (1982) o negro trouxe uma nota alegre a América Portuguesa, ao lado do português e do indígena, onde as mulatas encontraram apreciadores sendo consideradas verdadeiras rainhas. Nessa perspectiva ressalta Antonil que o Brasil foi como um paraíso para mulatos e mulatas.

Em uma relação de senhores de engenho e escravo afirma Lara (1998) que era nos engenhos que os escravos purgariam suas almas para que fossem purificados onde a recompensa dessa “purgação” seria o Céus já que a liberdade de sua condição de escravo em vida era praticamente nula. Pois era de interesse também da metrópole manter a mão-de-obra do escravo, por gerar lucros tanto para o colono quanto para a Coroa, nessa perspectiva o escravo é tido como instrumento para propagar os mecanismos de dominação e lucratividade colonial.

Conforme Klein “A violência física era comum na escravidão ela vinha de cima e não podia ser contida ou modificada por vontade do negro o bem estar do escravo e sua família dependia de caprichos de seu senhor”. (1987 p. 208)

Segundo Reis e Silva (1989) os barões cediam e concediam é para controlar melhor e a aceitação dos escravos era para viverem melhor, os autores afirmam que os escravos nem sempre foram vítimas ou heróis, pois se rebelaram a maior parte do tempo no regime escravista, em um dia poderia ser ou estar submisso e acomodado, mas conforme a situação vivida, no dia seguinte poderiam se rebelar em busca de negociações, essas que poderiam ser de forma harmoniosa ou violenta.

O regime escravista sacrificava a liberdade e a autonomia do negro africano escravizado. Os direitos dos escravos não eram na maioria das vezes reconhecidos pelo senhor e a única forma que tinham de “enfrentar” o comportamento arbitrário era o empreendimento da violência e da fuga (ou marronage) ocorrendo com frequência, fazendo com que os senhores propusessem negociações com os escravos, mas quase sempre essas negociações eram medidas através da violência.⁵

Gorender (1992) defende a figura do escravo como coisa acreditando que a própria sociedade o coisificou desconsiderando o escravo como pessoa humana na perspectiva do tratamento senhorial. Já Lara (1998) nega a coisificação do escravo, pois vê as relações de senhor e escravo dotada de conflito e de negociações, para a autora coisificar o escravo significa negar-lhes sua condição de agentes históricos que atuava como sujeito participativo na sociedade escravista.

Conforme Schwartz (2001) não se deve ignorar a centralidade da mão-de-obra, pois isso faz deixar de entender o que era a escravidão, deste modo a resistência escrava na colônia, é analisada analisa como um dos aspectos que propiciou a formação de quilombos.

⁵ sobre essas considerações ver em: BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Segundo Pisk (2000) o trabalho escravo se da pelo grande número de negros utilizado como escravos, e deixa clara a alta lucratividade que o tráfico negreiro propiciou, no período colonial o escravo foi responsável inicialmente pelo abastecimento da lavoura canavieira, trabalho nos engenhos, posteriormente nas áreas de mineração e da lavoura cafeeira. Nessa afirma o autor que o escravo foi trazido para o Brasil para trabalho compulsório onde a produção era destinada ao comércio a metrópole não tinha tanta preocupação com o sustento do produtor, mas sim com o abastecimento externo nessa perspectiva a mão-de-obra do escravo era fundamental para a lavoura

O trabalho escravo perdurou por um longo período em toda a sociedade colonial da América Portuguesa um trabalho que gerou riqueza para o senhor de escravo como também para a Metrópole portuguesa, porém esse trabalhador nem sempre agia como o senhor queria sendo assim “era por ser escravo, não por ser negro que ele produzia pouco e mal nas plantações e nos engenhos” (MOURA 1985 p.40).

Conforme Klein (1987) o escravo africano era comparado como uma máquina humana de trabalho propício a exploração e produção de riqueza colonial utilizado a princípio na produção do açúcar, onde o engenho de açúcar era caracterizada através do quadrilátero: a casa grande, a senzala, a capital e a casa de engenho.

Segundo Antonil (1967) os escravos são considerados como as mãos e os pés do senhor de engenho, lhes dando uma enorme importância afirmando que sem eles no Brasil não seria possível fazer, conservar e aumentar fazenda, e dessa forma nem mesmo ter engenho em pleno funcionamento.

Segundo Moura (1987) os quilombos eram como uma praga sem remédio e por esse motivo a classe senhorial tinha pavor ao pressentir qualquer movimento que significasse mudança social na estrutura da sociedade escravista o que os faziam atacar constantemente os quilombos.

FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS COMO FONTE DE RESISTÊNCIA E REFÚGIO DO NEGRO

Para superar a condição que lhe é imposta rejeitando a cruel forma de vida, os negros buscavam a liberdade e uma vida com dignidade tentando então se “libertar” do sistema de escravização através de revoltas, rebeliões, sedições e negociações. Nessa perspectiva os quilombos surgem como uma forte representação das formas de resistência e combate à escravidão. Neles os escravos se sentiam como se fossem e estivessem realmente “livres”. Esses quilombos eram feitos de aldeamentos de negros que fugiam dos latifúndios,

passando a viver comunitariamente formando uma das maiores formas de resistência ao sistema colonial escravista que perdurava em bases violentas contribuindo dessa forma para os escravos buscar a liberdade. O que assegurou a durabilidade dos quilombos foram as relações sociais que os quilombolas viviam onde em alguns quilombos “imperava” a solidariedade, o que permitia o abrigo de demais oprimidos da sociedade escravista⁶

Afirma Klein “Em um decreto de 1741 a Corôa Portuguesa definiu como quilombo qualquer comunidades com cinco ou mais escravos fugitivos” (1987 p.219). A América Portuguesa foi o lugar que mais possuiu comunidades de escravos fugitivos, essas que eram fortemente combatidas pelas milícias com a ajuda da sociedade civil na denúncia de fugas e das comunidades para onde os escravos se abrigavam. A especificação de quilombo é abordada de diversas formas o que pode também ser considerado como refúgios providos das e que propiciavam, revoltas. A formação de quilombos ocorre por decorrência “união” de escravos perante a fuga onde eles se reuniam em um tipo de assentamentos daqueles que fugiam dos latifúndios, passando a viver comunitariamente formando “verdadeiras cidades” que abrigavam os “oprimidos” da sociedade colonial escravista.

Sobre a especificação de quilombo afirma Moura (1987)

Essas comunidades de ex-escravos organizavam-se de diversas formas e tinham proporções e duração muito diferentes. Havia pequenos quilombos, compostos de oito homens ou pouco mais; eram praticamente grupos armados. No recesso das matas, fugindo do cativo, muitas vezes eram recapturados pelos profissionais de caça aos fugitivos. Criou-se para isso uma profissão específica... Como podemos ver, a marronagem nos outros países ou a quilombagem no Brasil eram frutos das contradições estruturais do sistema escravista e refletiam, na sua dinâmica, em nível de conflito social, a negação desse sistema por parte dos oprimidos (1987: 12-13)

Conforme Moura (1985) “Quilombos não eram conglomerados de negros bárbaros [...] a medida que cresciam procuravam organizar-se para por em funcionamento com os

⁶ sobre essas considerações referentes aos quilombos ver em: BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. CAPISTRANO de Abreu, João : **Capítulos de história colonial 1500-1800 Os caminhos antigos de povoamento do Brasil**. Brasília (D. F.): Universidade de Brasília 1982 CARNEIRO, Edílson. **O quilombo dos Palmares**. São Paulo: editora Nacional, 1988 CARVALHO, Aline Vieira de e FUNARI, Pedro Paulo Abreu : **Palmares, ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar Editor Ltda, 2005; GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Ed. Ática, 1992; KLEIN, Hebert S. **A escravidão Africana América Latina e Caribe**. São Paulo: Brasiliense: 1987 (tradução Mendonça, Jose Eduardo de,) MOURA, Clovis : **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo. Brasiliense 4º edição. 1985; MOURA, Clovis: **Quilombos Resistência ao escravismo**. São Paulo: Atica 1987. SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. **Dicionário da escravidão**. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1997. SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. **Dicionário da escravidão**. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1997; VAINFAS. Ronald. **Dicionário do Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Objetiva Limitada, 2000.

grupos populacionais do reduto” (1985, p.34), nessa perspectiva, a medida que se desenvolviam procuravam se organizar para por em funcionamento no seu modo de vida e trabalho com os grupos populacionais do reduto escravista.

Segundo Carvalho e Funari “A palavra quilombo foi adotada apenas tardiamente para se referir a palmares e depois se dirige a toda colônia para designar um refugio de escravos”.(2005 p.24). Para Eles, os quilombos eram vistos pelos holandeses como um serio perigo e por esse motivo eles eram os que mais combatiam os quilombolas, com a expulsão dos holandeses da América Portuguesa os quilombos puderam se fortificar cada vez mais com ajudada em parte de alguns integrantes da sociedade civil conforme Carvalho e Funari:

[...] em 1667 os quilombolas começaram a atacar fazendas para conseguir armas, libertar escravos e se vingarem de feitores. Em 1670 o governador de Pernambuco denunciou colonos que passavam armas de fogo para os habitantes de Palmares em desrespeito a deus e as leis. (CARVALHO E FUNARI: 2005, p.12)

Os autores do parágrafo anterior afirmam que os quilombolas tinham que se defender constantemente da repressão dos senhores e, por isso, se preparavam militarmente chegando a formar grandes exércitos armados. O quilombo de Palmares, possuía um exercito forte e representava um empecilho a conquista do sertão, visto que sua formação constituía um verdadeiro muro que impossibilitaria a entrada para o interior, o exercito quilombola defendia a segurança do quilombo resistindo as expedições punitivas da hierarquia colonial. Esse quilombo era considerado uma confederação organizada internamente por mocambos ou tabocas que possuíam o seu senhor absoluto, a economia de palmares era calcada na agricultura onde todos trabalhavam possuindo dessa forma uma economia familiar livre em foram de cooperativa que sobrevivia pela solidariedade social⁷.

Conforme Moura (1985 e 1987), outro quilombo que atuou com forte resistência é o de Preto Cosme, um dos quilombos que também possuía uma estrutura altamente centralizada com forte poderio militar, seu líder era Cosme Bento de Chagas que considerado pelas autoridades como um assassino vulgar e sanguinário, seu exercito era formado pó ex-escravos e aderiu ao movimento da balaiada⁸, com os integrantes do movimento (negros, brancos e

⁷ Ver essa considerações em: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.), História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo, Difel, 1968; MOURA, Clovis : **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo, Brasiliense 4ª edição. 1985___**Quilombos Resistência ao escravismo**. São Paulo: Atica 1987; SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. **Dicionário da escravidão**. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1997.

⁸ Balaiada foi um movimento de insurreição de cunho popular onde os revoltosos, lutavam contra injustiças sociais dentre elas a escravidão que ocorreu entre 1838 a 1841. Sobre esse comentário ver: VAINFAS. Ronald. **Dicionário do Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Objetiva Limitada, 2000.

mestiços) sendo jogados contra os escravos negros como forma de estratégia para por fim na revolta, contudo Cosme resistiu por muito tempo até ser condenado à força.

Em toda a América Portuguesa existiam vários quilombos nos pequenos quilombos havia uma relação de negócios e prestações de serviço com a sociedade civil escravistas, de certa forma por meio de um tipo de comércio parecido com o que chamamos de “escambo” de objetos roubados, já que os escravos de casa grande e senzala não tinham direito de negociar coisa alguma por conta própria, nesses quilombos também havia armamentos já que quilombos maiores chegaram a ter grandes exércitos armados.

Os quilombolas eram vistos pelas autoridades como uma ameaça sendo considerados criminosos. A união ou a aliança entre escravos da senzala com quilombolas foi como uma particularidade das revoltas, pois era o contato entre quilombolas e outros grupos que propiciava continuidade da luta escravista.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Através das pesquisas aqui apresentadas podemos compreender que economia colonial está fortemente ligada a escravidão negra, e que foi tida uma das fontes de “promoção” da economia colonial. Deste modo o escravo negro era como a força básica de quase todo o trabalho do sistema colonial e era visto como fonte de acumulação de capital. Pois como vimos a escravidão fazia parte da lei geral da propriedade.

A formação dos quilombos pode ser considerada como a maior forma de resistência da América Portuguesa em todo o período colonial o que serviu também como abrigo aos oprimidos da sociedade escravista, abrigo esse que lutava “constantemente” pela liberdade. Na perspectiva escrava o “fim” de adquirir a liberdade era mediado pelos “meios” que eram lutas, negociações e acomodação, com a forte influência dos quilombos.

A sociedade colonial era um dos maiores obstáculos no combate ao escravismo, e essa sociedade colonial junto a e senhorial via os quilombos como uma área de barbárie e por isso combatiam constantemente. Já os escravos viam nos quilombos uma das formas de adquirir sua liberdade, já que a alforria dificilmente seria adquirida pela “livre e espontânea vontade” do seu senhor. Por isso mesmo que a relação entre senhores e escravos fosse apontada como de benevolência.

Contudo o massacre aos grandes quilombos não impediu que demais quilombos deixassem serem formados e de existir, pois o desejo da liberdade do escravo não terminou

com esse massacre, pelo contrario esse desejo crescia cada vez mais. Nessa perspectiva vemos a resistêcia, adquirida principalmente através dos quilombos, como forma de sobrevivência escrava em meio à opressão da sociedade colonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIL, André João, in Andreoni, Giovanni Antonio. **Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas**. Introdução por A. P Canabrava. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAPISTRANO de Abreu , João :**Capítulos de história colonial 1500-1800 Os caminhos antigos de povoamento do Brasil**. Brasília (D. F.): Universidade de Brasília 1982.

CARNEIRO, Edílson .**O quilombo dos Palmares**. São Paulo: editora Nascional, 1988.

CARVALHO, Aline Vieira de e FUNARI, Pedro Paulo Abreu : **Palmares, ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.), **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo, Difel, 1968.

KLEIN, Hebert S. **A escravidão Africana América Latina e Caribe**. São Paulo: Brasiliense: 1987 (tradução: MENDONÇA, Jose Eduardo de.)

LARA, Silvia Hunold. **Campos da Violência :escravos e senhores na capitania do rio de janeiro 1750-1808**. Rio de Janeiro: Paz e Terra ,1998.

MARX, Karl: Miséria da Filosofia: esposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon(1847) [tradução Paulo Ferreira Leite] São Paulo : Centauro, 2001.

MELLO, Janaina Cardoso de: **Negros Escravos, Negros Papa-Méis: Fugas E Sobrevivência Africana Nas Matas De Alagoas E Pernambuco No Século XIX**. Revista África e Africanidades - Ano I - nº. 2 - Agosto/2008 ISSN 1983-2354 (Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com> consultada em 08/11/2008)

MOURA, Clovis: **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo. Brasiliense. 4º edição. 1985
 _____ **Quilombos Resistência ao escravismo**. São Paulo: Atica 1987.

O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira: **Os quilombos e as revoltas de escravos**: Disponível em. <http://www.historia.colonial.arquivo.nacional.gov.br>

PINSKY, Jaime: **A escravidão no Brasil**. São Paulo, Contexto 2000.

REIS, João José e SILVA, Eduardo: **Negociação e conflito. A resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SOUZA, Laura de Mello e. **Historia da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997.

SCISÍNIO, Alaôr Eduardo. **Dicionário da escravidão**. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1997.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, Roceiros e Rebeldes**. Trad. Jussara Simões. Bauru (SP): Edusc, 2001. 306p. (História).

VAINFAS. Ronald. **Dicionário do Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Objetiva Limitada, 2000.